

A matéria da dominação da alteridade: da Colonialidade à “colonialíngua”*

*Ana Paula Galdino de Farias***

Resumo

O presente artigo visa explorar uma série de questões diante do fato de que a dominação da alteridade parece ser o fio condutor da história de muitos países e culturas. Entretanto, em nenhuma outra cultura foi possível observar a mesma voracidade e efeitos duradouros da dominação como os que se desenrolaram no seio cultura europeia, responsável por operar o processo colonial. Essa constatação nos levou a estabelecer um diálogo entre as teorias políticas – Debate Modernidade/Colonialidade - e a psicanálise, de modo a responder às perguntas que foram surgindo e apontar para as consequências psicológicas de uma linguagem violenta e cruel, capaz de reduzir o outro a um objeto descartável - a linguagem colonial. Em função desse percurso, foi possível criar um neologismo “colonialíngua”, de modo a dizer melhor sobre os efeitos mortíferos da colonização do sujeito.

Palavras-chave: COLONIALIDADE; IDEAL-DO-EU; UNHEIMLICHKEIT; LINGUAGEM.

The matter of the domination of alterity: from coloniality to “colonialanguage”

Abstract

This article aims to explore a series of questions in light of the fact that the domination of otherness seems to be the common thread in the history of many countries and cultures. However, in no other culture was it possible to observe the same voracity and lasting effects of domination as those that unfolded within the European culture, responsible for operating the colonial process. This finding led us to establish a dialogue between political theories – Modernity/Coloniality Debate - and psychoanalysis, in order to answer the questions that arose and point to the psychological consequences of such a violent and cruel language, capable of reducing the other to a disposable object - the colonial language. Due to this path, it was possible to create a neologism “colonialanguage”, in order to say better about the deadly effects of the colonization of the subject.

Keywords: COLONIALITY; IDEAL ICH; UNHEIMLICHKEIT; LANGUAGE.

La matière de la domination de l'altérité : de la colonialité au «colonialanguage »

Résumé

Cet article vise à explorer une série de questions à la lumière du fait que la domination de l'altérité semble être le fil conducteur de l'histoire de nombreux pays et cultures. Cependant, dans aucune autre culture, il n'a été possible d'observer la même voracité et les mêmes effets durables de domination que ceux qui se sont déroulés au sein de la

* Artigo elaborado a partir de pesquisa de mestrado orientada pela Profa. Dra. Betty Bernardo Fuks, no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade - UVA.

** Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela UVA.
Pós-graduada em Teoria Psicanalítica, Prática e Clínica Institucional, UVA.
Bacharel em Relações Internacionais, UFRRJ.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8147-8724>
E-mail: annie.farias@yahoo.com.br

culture européenne, responsable de l'opérationnalisation du processus colonial. Ce constat nous a amenés à établir un dialogue entre les théories politiques - le débat Modernité/Colonialité - et la psychanalyse, afin de répondre aux questions qui se posaient et de pointer les conséquences psychologiques d'un langage violent et cruel, capable de réduire l'autre à un objet jetable - la langue coloniale. Grâce à cette voie, il a été possible de créer un néologisme «colonialanguage», afin de mieux dire les effets meurtriers de la colonisation du sujet.

Mots-clés: COLONIALITÉ ; IDEAL ICH ; UNHEIMLICHKEIT ; LANGUAGE.

A principal denúncia que se presentifica no debate decolonial é a que se refere aos insistentes mecanismos da Colonialidade. Esse mecanismo diz respeito à continuidade dos efeitos do processo colonial sem que seja mais necessária a violência direta da colonização em si. Há algo que permite que os efeitos da colonização sejam reverberados e retornem constantemente sob novas roupagens. Em outras palavras, é como se os povos colonizados fossem capazes de se recolonizar ao longo dos tempos reproduzindo com cada vez mais força os parâmetros e ideais culturais do colonizador. Mas como isso seria possível?

Segundo autores como Quijano (1992), Grosfoguel (2008) e Dussel (1993), para além de toda sequência de silenciamentos e violência simbólica, gerados ao longo dos séculos pelo processo colonial, ainda temos que notar o quanto a lógica de condicionamento hierárquico colonial se infiltra até mesmo na ciência e no pensamento contra hegemônico. “A Colonialidade, em consequência, é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo, como ordem política explícita, foi destruído” (QUIJANO, 1992, p. 439). Isso acontece porque o colonizador foi muito além do alterocídio (2) de tudo que não fosse europeu – como já denunciavam autores como Fanon (2020), Mbembe (2020) e Santos Souza (1983).

Contudo, a estrutura colonial de poder produziu as discriminações sociais que posteriormente foram codificadas como “raciais”, “étnicas”, “antropológicas” ou “nacionais”, segundo os momentos, os agentes e as populações implicadas. Essas construções intersubjetivas, produto da dominação colonial por parte dos europeus, foram inclusive assumidas como categorias (de pretensão “científica” e “objetiva”) de significação a-histórica, é o marco a partir do qual operam as outras relações sociais, de tipo classista ou estamental (QUIJANO, 1992, p. 438).

O alterocídio tem consequências muito mais amargas e profundas do que somente o apagamento identitário de toda ancestralidade de culturas colonizadas. E a principal consequência, e talvez a mais silenciosamente violenta delas, está no isolamento da ciência dentro do hermético círculo da epistemologia europeia moderna. Isso implica que, fatalmente, para fazer ciência o sujeito caia no mais vil dos produtos e armadilhas coloniais: a Colonialidade. Ao ter como único ponto de partida o eixo epistemológico europeu para se fazer ciência, esse sujeito acaba se munindo do mesmo combo de ideais coloniais do processo colonial e, assim, os efeitos da colonização retornam constantemente renovados *ad aeternum* com o *status* de ciência, razão e verdade.

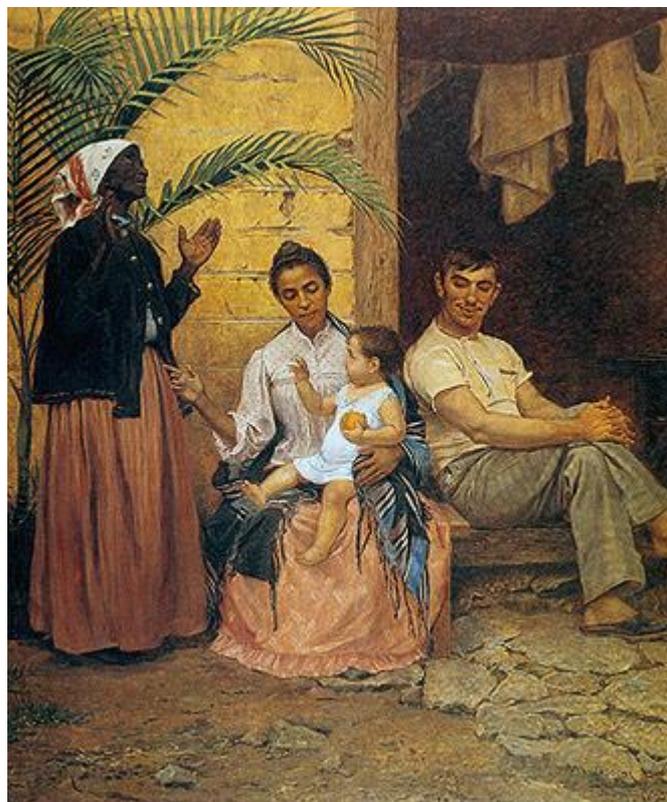
A Colonialidade é marcada por ser mesmo o protótipo da razão moderna (3) o qual, por sua vez, se impõe para o mundo inteiro como único eixo aceitável para a produção científica. Se acreditássemos que a modernidade cartesiana é a única via possível para se fazer ciência, ainda que pudéssemos insistir na produção de propostas

contra hegemônicas, estas ainda viriam embebidas das lógicas de condicionamento hierárquico coloniais.

Do mesmo modo, mesmo que o colonialismo político tenha sido eliminado, a relação entre a cultura europeia, chamada também de “ocidental”, e as outras segue sendo uma relação de dominação colonial. Não se trata somente de uma subordinação das outras culturas a respeito da cultura europeia em uma relação exterior. Trata-se de uma colonização das outras culturas, mesmo que, sem dúvida, em diferente intensidade e profundidade segundo os casos. Consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados. Isto é, atua na interioridade desse imaginário. Em alguma medida, é parte de si (QUIJANO, 1992, p. 438).

A pergunta que fica é porque é tão difícil se dar conta disso no cotidiano? Por que a reprodução de ideais hegemônicos de origem colonial parece mais natural, como se fossem dados? Que mecanismo é esse? Fanon, Mbembe e Santos Souza já falavam em colonização do imaginário.

A violência colonial é tamanha que apaga tudo que não é europeu. Isso forja a cultura colonial alicerçada, sobretudo, na branquitude (4) como um ideal a ser perseguido e atingido. Cria-se assim uma lógica de condicionamento hierárquico na qual tudo e todos orbitam ao redor da imagem e das insígnias do colonizador europeu. Não resta muito ao sujeito colonizado que não seja vestir a máscara branca (FANON, 2020) se este deseja reconhecimento em uma sociedade colonizada. Tal processo é exposto de maneira tão direta quanto brutal nessa pintura do final do século XIX.



Modesto Brocos – A redenção de Cam, 1895.

Mas seria apenas isso? Como pensar uma resistência efetiva à Colonialidade se não sabemos muito bem de que matéria é feita? O que os decoloniais nos dizem?

Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano XIV, no. 2. p. 118-134.

No entanto, há três aspectos importantes que têm de ser aqui referidos: 1) uma perspectiva epistémica decolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental (incluindo o cânone ocidental de esquerda); 2) uma perspectiva decolonial verdadeiramente universal não pode basear-se num universal abstrato (um particular que ascende a desenho – ou desígnio – universal global), antes teria de ser o resultado de um diálogo crítico entre diversos projetos críticos políticos/éticos/epistémicos, apontados a um mundo pluriversal e não a um mundo universal; 3) a decolonização do conhecimento exigiria levar a sério a perspectiva/cosmologias/visões de pensadores críticos do Sul Global, que pensam com e a partir de corpos e lugares étnico-raciais/sexuais subalternizados (GROSFUGUEL, 2008, p. 117).

Um breve percurso pelas teorias pós-coloniais e pelo debate Colonialidade/Modernidade já indica que a matéria da dominação é languageira e que o discurso que se faz hegemônico foi sendo gestado durante séculos escamoteado como moral e civilização. É languageira simplesmente porque se trata de um discurso, o discurso colonial, que se converteu na atualidade no discurso hegemônico.

A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo “europeu” de “modernização”, de civilização, de “subsumir” (ou alienar) o Outro como “si-mesmo”; mas agora não mais como objeto de uma práxis guerreira de violência pura (...) e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica, quer dizer, do *domínio* dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc.; é o começo da domesticação, estruturação, colonização do “modo” como aquelas pessoas viviam e reproduziam sua vida humana (DUSSEL, 1993, p. 51).

Trata-se da história do mundo contada por meio da perspectiva e hierarquia coloniais. Seu vetor de institucionalização sempre foi a dominação através da violência e da privação do reconhecimento da humanidade dos oprimidos. O discurso hegemônico tem o poder de transformar a barbárie em algo natural e invisível. Mas como isso é possível? Será que os efeitos da colonização se repetem somente devido ao apego do sujeito ao eixo epistemológico europeu para se fazer ciência ou existe algum outro mecanismo o qual escapa à análise dos teóricos decoloniais?

No texto *O Mal estar na civilização*, de 1930, Freud assevera que o sujeito também vê o outro como uma tentação de satisfazer seu pendor à agressão, já que dentre as três fontes de mal-estar – o corpo, as intempéries da natureza e a lida com o Outro –, é justo na alteridade que se encontra a maior.

O próximo não é, para ele [o sujeito], apenas um possível colaborador e um objeto sexual, mas é também uma tentação, de com ele se satisfazer a sua tendência à agressão, de explorar a sua força de trabalho sem compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* (FREUD, 1930/2020, p.363).

Isso acontece devido ao fato de a pulsão de agressividade ser uma das mais primitivas nos sujeitos, tal como o é a pulsão de dominação também. E como o

inconsciente, depósito das pulsões, é atemporal, essas pulsões far-se-ão presentes sempre que os ideais egoicos do sujeito forem acossados pela estranheza do encontro com a alteridade. Essa alteridade que põe em cheque aquilo que o sujeito tem como o ideal de si próprio. Mais especificamente

(...) mesmo lá onde ela [pulsão] surge sem propósito sexual, incluindo a mais cega fúria de destruição, não podemos ignorar que a sua satisfação está conectada a um gozo [*Genuß*] narcísico extraordinariamente elevado, pelo fato de essa satisfação mostrar ao Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência. Moderada e domada, inibida em sua meta, por assim dizer, a pulsão de destruição dirigida a objetos, tem necessariamente de proporcionar ao Eu a satisfação de suas necessidades vitais e o domínio da natureza (FREUD, 1930/2020, p. 374).

Perseguir um ideal hegemônico da cultura significa para o sujeito a garantia de reconhecimento e amor no social, na cultura. Quando despido de quaisquer elementos alternativos para ler a realidade, não atingir os ideais culturais hegemônicos ou tê-los ameaçados por um Outro é aterrorizante, pois lança esse sujeito para o limbo social, o desamparo.

Esse motivo é fácil de descobrir em seu desamparo e em sua dependência dos outros, e pode ser bem mais caracterizado como medo [*Angst*] da perda de amor. Se ele perde o amor do outro, de quem é dependente, então ele também perde a proteção contra diversos tipos de perigo, expondo-se, sobretudo, ao perigo de esse outro superpotente lhe provar a superioridade na forma de punição (FREUD, 1930/2020, p. 378).

É somente a garantia do amor do outro que é capaz de apaziguar parte do mal-estar gerado pela castração subjetiva.

Se isso é psiquicamente estrutural, Seria isso socialmente estruturante? Será que podemos pensar que tudo aquilo que há de mais estrutural no psiquismo humano molda também as estruturas na cultura? Com Freud, podemos notar que há algo que escapa à razão e se infiltra na cultura, na modernidade, na religião, no direito e até mesmo no pensamento contra hegemônico.

Freud já se fazia perguntas semelhantes aos autores pós-coloniais e decoloniais muito antes desses movimentos teóricos existirem. O que é possível descobrir com essas teorias políticas é que há sempre uma maioria que serve à elite e que as dores e demandas dessa maioria tendem, pelo mesmo motivo, a serem silenciadas e apagadas da história. Eis aí a novidade que a psicanálise tem a oferecer para os estudos decoloniais, já que sua análise parte da redução da sociedade à sua célula mínima de formação: o sujeito, que diferente do indivíduo guiado pela razão, é cindido. Com ela, temos ferramentas para pensar a origem da dominação e nos certificar sobre sua matéria: a linguagem. Freud diz em 1921, que é justamente a linguagem que promove a coesão identificatória das massas. Logo aí, já podemos concluir muitas coisas. Uma delas é a inexistência de um instinto gregário como supôs Wilfred Trotter, o que une os egais (1) é a linguagem. Lemos, no texto, a posição de Freud: “a linguagem deveria sua importância à aptidão que ela tem de assegurar o entendimento recíproco no rebanho; nela estaria em grande parte fundamentada a identificação dos indivíduos uns com os outros” (p.79).

Em suma, não existe um instinto gregário enquanto vetor de união e identificação dos sujeitos. O veículo mais central e mais importante na identificação e na formação das

grandes massas é a linguagem. Ela ata os sujeitos uns aos outros por meios dos ideais que comporta em si.

Temos assim a impressão de um estado em que o impulso afetivo e o ato intelectual do indivíduo são muito fracos para impor-se por si, tendo que esperar fortalecimento através da repetição uniforme por parte dos outros. Somos lembrados de como esses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal nela se encontram, do quanto cada indivíduo é governado pelas atitudes de uma alma da massa, que se manifestam como particularidades raciais, preconceitos de classe, opinião pública, etc. (FREUD, 1916/2021, p. 78).

Há algo da cultura que pode ser compartilhado e transmitido pelos sujeitos em níveis muito mais profundos do que aqueles aos quais quaisquer discursos podem se fazer infiltrar em nível consciente e egoico. Segundo Lacan (1953), “o inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1953/1998, p. 260). É através do inconsciente e das pulsões que esses ideais tendem a se presentificar no cotidiano. Tudo aquilo que é percebido pelo sujeito como uma regra dada, natural e até mesmo científica, enquanto não for alvo de problematização, irá controlar a conduta e a ética desse mesmo sujeito.

Freud advoga que não existe, no reino humano, relações com as coisas que não passem pela linguagem. A linguagem será a via pela qual os elementos que engendram a identificação entre os sujeitos e o líder irá tomar a partir do compartilhamento da certeza deste líder como único espelhamento Ideal do Eu. É através da linguagem que os tabus e a necessidade de encontrar sucedâneos para o totem ou o pai real são transmitidos. É também a partir da linguagem que os elementos que estruturam o Ideal do Eu de determinado sujeito serão dirigidos ou mesmo impostos a ele. A palavra do líder – Ideal – comanda os indivíduos que, hipnotizados, se identificam uns com os outros, tratam de excluir ou destruir aqueles que não falam a mesma “língua”. Desse modo, podemos admitir que o Ideal do Eu, aquilo que os sujeitos se empenham tanto em atingir, vem carregado de valores coloniais e que as representações deles tendem a ter uma consequência fatal caso as bases da cultura ocidental não sejam questionadas tal como os ideais que essas geram.

Assim, o colonialismo produziu, então, à força, um pretense ideal universal que tende a engancha-se no Ideal do Eu dos sujeitos, já que o ideal do colonizador aponta para significantes tais como o poder, a civilização, o vencedor, o bom e o bem. Há todo um construto imaginário fabricado pela colonização sobre aqueles que merecem ser amados e ter poder e aqueles merecem ser despossuídos e dominados. Tanto a colonização como a posterior Colonialidade impõem aos sujeitos um ideal a ser alcançado, ou seja, “(...) aquilo que podemos chamar de formações de ideal dos seres humanos, suas representações de uma possível perfeição da pessoa isoladamente, do povo, da humanidade inteira, e das exigências que eles apresentam em razão dessas ideias” (FREUD, 1921/2020, p.343).

Outra questão importante que não podia perder de vista é que ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’ (LACAN, 1964/1985, p. 27) e outra é que o inconsciente é o receptáculo atemporal das pulsões. Isso nos leva a uma das descobertas que mais fascinantes que a psicanálise nos proporciona. A descoberta de que muito antes que teorias contra hegemônicas do porte do debate decolonial surgissem, Freud não

apenas já tecia críticas à civilização moderna, bem como localizava nela um discurso capaz de calar e silenciar os sujeitos na direção de um imperativo de adequação.

Qual é o problema central da civilização europeia moderna de acordo com a maior parte dos autores decoloniais? O fato de se arrogarem como único parâmetro de civilização e imporem isso ao mundo através do projeto colonial. Tal projeto será maquinado através da imposição de quatro eixos centrais elevados à categoria de ideais: patriarcado, branquitude, capitalismo e cristianismo. Eixos esses que foram também apontados por Freud. No que tange ao patriarcado, por exemplo, Freud denuncia a opressão sofrida pelas mulheres antes mesmo de *“Totem e Tabu”* (1912-1914) e *“O Tabu da Virgindade”* (1918). Em *“A Moral Sexual “Cultural” e o Nervosismo Moderno”* (1908), Freud se perguntava sobre a mulher na cultura. O autor denuncia, para além das renúncias necessárias para a entrada dos sujeitos na cultura, a reprodução injusta de imposições que recaiam de forma diferenciada sobre cada grupo na sociedade. Segundo ele, por um lado, há pessoas capazes de suportar um nível de renúncia maior do que os demais sem que adoçam e, por outro, há também um grupo com maiores possibilidades admissíveis socialmente de vias de escape para as imposições tão rigorosas da civilização. O segundo grupo seria caracterizado pelos homens. Para eles, a sociedade dispunha de vias de escape, enquanto para as mulheres o único caminho possível desembocaria no adoecimento.

Frequentemente, o irmão é um perverso sexual; a irmã, que, sendo mulher, possui o instinto sexual mais fraco, é uma neurótica, mas seus sintomas expressam as mesmas tendências que as perversões do irmão sexualmente mais ativo, e, de modo correspondente, em muitas famílias os homens são sadios, mas imorais num grau socialmente indesejável, e as mulheres são nobres e refinadas, mas – gravemente neuróticas (FREUD, 1908/2016, p. 374).

Freud, certamente, não esteve livre das influências do tempo no qual viveu, mas também pôde pensar para além dele, sobretudo, ao lançar às mentes modernas descobertas como a bissexualidade originária e a sexualidade infantil.

A questão é que a dominação está além da violência direta. Esses ideais diluídos em uma linguagem terão o poder de se infiltrar no psiquismo dos sujeitos colonizados ao ponto de fazerem com que eles próprios reproduzam a lógica que os oprime por estarem identificados ao opressor. O célebre axioma de Paulo Freire explicita bem o funcionamento da linguagem colonial: “quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é se tornar o opressor”. E isso se agiganta de tal modo, que não podemos nos dar conta. Não conseguimos notar que esse discurso hegemônico, ainda colonial, é capaz de infiltrar não apenas o direito, mas também a ciência e o pensamento contra-hegemônico. Como isso se dá? Somos advertidos disso através do conceito de Colonialidade. A colonização e seus efeitos hipnóticos deslizam na história reeditados sob novas roupagens e escondem-se onde menos suspeitamos. Os decoloniais denunciam que, enquanto insistirmos em ter a epistemologia europeia como único parâmetro para fazer ciência, o feitiço colonial se perpetua junto com seus condicionamentos hierárquicos.

O essencial aqui é o lócus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpolítico do sujeito que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A “egopolítica do conhecimento” da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um “Ego” não situado. O lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciador

encontram-se, sempre, desvinculados. Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistémico étnico-racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistémico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia (GROSFOGUEL, 2008, p. 119).

O que chega primeiro até qualquer sujeito inserido na cultura é o discurso hegemônico, isto é, um conjunto de ideais culturais compartilhados como unanimidade e que, por via de regra, apenas o são por não serem problematizados. São percebidos pelos sujeitos como algo natural. Como Freud logra explicar-nos a origem disso?

Logo no início da psicanálise, Freud já põe em questão a epistemologia médica de sua época, que silenciava e ejetava as históricas da civilização. Ele nota que o sintoma delas subvertia no corpo uma moral que as mutilava a partir de ideais a que não conseguiam adequar-se. Vemos com ele que o processo de dominação colonial se faz possível porque vai de encontro a tudo que há de mais estrutural no psiquismo humano. Sendo assim, vamos então às descobertas que a psicanálise faz e que podem nos auxiliar a pensar a dominação:

O primeiro ponto importante é pensar que as pulsões de dominação e agressividade são originárias e, portanto, estruturais em todos os sujeitos, sem distinção. Não há culturas mais ou menos elevadas como foi demonstrado por Freud em *Totem e Tabu*. O neurótico moderno porta em seu psiquismo as mesmas características dos povos originários, tais como o flerte com a magia, rituais e a onipotência dos pensamentos. Se os sujeitos se encontram chafurdados na linguagem colonial que se fez hegemônica, eles ficam restritos somente aos elementos ideais que tal linguagem os impôs violentamente através do processo colonial direto. O processo colonial os rouba de quaisquer elementos para pensar a si próprios que não sejam os ideais coloniais. A consequência disso é a identificação dos sujeitos com o opressor e a intolerância a qualquer pessoa que traga no real do corpo o furo desse ideal.

(...) paixões pulsionais são mais fortes do que interesses sensatos. A cultura precisa tudo mobilizar para colocar barreiras às pulsões de agressão dos seres humanos, para suprimir as suas manifestações através de formações reativas. Daí, portanto, o recurso a métodos que devem estimular os seres humanos a identificações e a ligações amorosas inibidas quanto à meta, daí a restrição à vida sexual, e daí também o mandamento ideal de amar o próximo como se ama a si mesmo, que realmente se justifica pelo fato de nada ser tão contrário à natureza humana originária (FREUD, 2020, p. 364).

Sabemos que se o líder que inspira uma massa remete à nostalgia do pai, o que está em jogo é a questão do desamparo. O coloniza-dor (5) responde também desse lugar ao impor suas insígnias para que o sujeito as devore, ele o domina num sentido mais profundo. A promessa de poder que o coloniza-dor oferta àqueles que abraçam o projeto colonial tem sobre os sujeitos um efeito extenso. O coloniza-dor domina corpos, mente e até mesmo a angústia dos sujeitos.

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial,

a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia de extrema autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois; para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica (FREUD, 1921/2016, p. 92).

A psicanálise nos demonstra que é estrutural a necessidade de descarga das pulsões originárias de agressividade as quais, por sua vez, ligam-se ao extremo incômodo que a relação com a alteridade impõe ao sujeito. Freud, no Mal-estar, recorda-nos que a felicidade de satisfazer uma pulsão primitiva é maior do que qualquer outra. Mas o que incita isso? A maior fonte de mal-estar se encontra justamente na lida com o outro. Uma vez que o sujeito esteja charfurdado na linguagem colonial, esse outro não pode ser decodificado nessa linguagem à qual o sujeito está restrito para ler a realidade e se apresenta como *Unheimlichkeit*, como êxtimo.

Se essa é realmente a natureza secreta do incômodo [estranho], então compreendemos que uso linguístico faça o cômodo transacionar para o seu oposto, o incômodo, já que esse incômodo, não é realmente nada de novo ou alheio, e sim algo familiar à vida anímica desde os tempos imemoriais, que dela apenas foi alienado pelo processo de recalçamento (FREUD, 1919/2021, p. 93).

Por isso, causa horror porque denuncia para o sujeito a impossibilidade que ele também porta de alcançar o ideal. O estranho é tudo aquilo que escapa à fantasia do sujeito e, portanto, não está inscrito na ordem simbólica detida por este. Se o estranho da alteridade está fora de sua ilusão de controle e domínio, a imagem da *Unheimlichkeit* também porta em si uma acusação da castração do sujeito que se depara com esse estranho familiar. Trata-se de um encontro doloroso com o espelho. E sabemos bem o que ocorre quando algo sobre o próprio sujeito é insuportável à sua consciência egoica: recalque e projeção na alteridade. Entretanto, é imprescindível entender que há uma relação moebiana com a alteridade que conduz, pela via da estrutura psíquica, os sujeitos aos entendimentos binários da realidade. Mau é sempre o outro. Trata-se de algo presente desde a constituição do sujeito. Segundo Freud,

Logo, há uma mudança do Eu-realidade inicial, que distinguiu interior e exterior conforme um bom critério objetivo, em um purificado *eu-de-prazer*, que põe o atributo do prazer acima de qualquer outro. O mundo externo se divide para ele em uma parte prazerosa, que incorporou em si, e um resto que lhe é estranho. Ele segregou uma parte integrante do próprio eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga. Após essa reordenação, restabelece-se a coincidência das duas polaridades: Eu-sujeito – com o prazer. Mundo externo – com o desprazer (antes com a indiferença) (FREUD, 1915/2016, p. 75).

De forma semelhante aos decoloniais, que apresentam expressamente a urgência da necessidade da superação da racionalidade e da modernidade, Freud nos dá pistas sobre elementos extremamente obscuros e ambíguos na lei – no sentido jurídico – e no discurso moderno que organizam a Europa na qual ele vivia. Segundo ele, “o direito não seja mais a expressão da vontade de uma pequena comunidade – casta, camada da população, tribo -, que, em relação a outras massas, talvez mais amplas, porte-se novamente como um indivíduo violento” (FREUD, 1930/2020, p.345).

Freud nos deixa claro, também no texto “*A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*” (1908), que as inúmeras exigências da cultura moderna se chocam com as exigências econômicas da pulsão no psiquismo humano e que isso engendra severas consequências aos sujeitos.

É razoável pressupor que, sob o domínio de uma moral sexual cultural, a saúde e aptidão para viver cada um dos seres humanos possam estar sujeitas a perturbações, e que esse dano causado nos indivíduos pelos sacrifícios que lhes são impostos atinja um grau tão elevado que, nesse desvio, a meta cultural final também seria colocada em perigo (FREUD, 1908/ 2020, p. 65).

Freud faz outra crítica importantíssima em *Totem e Tabu* na qual dissolve a pretensa superioridade da civilização europeia com relação a comunidades tribais ancestrais. Ele aponta que a manutenção de tabus como os referentes à morte dessas comunidades são muito mais eficazes na contenção da descarga das pulsões de agressividade, do que a razão moderna, que não foi capaz de conter o processo colonial e duas guerras mundiais. Freud equipara assim os neuróticos modernos e aqueles que são chamados pelos autores contemporâneos a ele de selvagens.

Parece que, em nosso desenvolvimento individual, todos passamos por uma fase correspondente a esse animismo dos primitivos, a qual não se encerrou em nenhum de nós sem deixar restos e vestígios ainda capazes de se tornar manifestos; e que tudo aquilo que hoje nos parece “incômodo [estranho]” satisfaz a condição de tocar nesses restos de atividade animista da alma e de incitá-los a se manifestarem (FREUD, 1919/2021, p. 92).

Outra importante de destacar nesse contexto é aquela que elabora sobre as *Weltanschauungen* (5), ou cosmovisões, tais como o animismo. São visões através das quais a humanidade se organiza e que têm uma tendência totalitária por serem tidas como as portadoras absolutas da verdade. A linguagem colonial não é outra coisa senão uma cosmovisão. Se a pulsão de dominação é estrutural em todo sujeito é natural que cosmovisões sejam sedutoras a todos numa tentativa de ter controle sobre o que se entende como realidade na fantasia subjetiva e sobre o Outro que pode colocá-la em risco.

Não há de supor que os homens tenham sido levados a criar seu primeiro sistema cosmológico por pura ânsia especulativa de saber. A necessidade prática de sujeitar o mundo teve, certamente, participação nesse esforço. Por isso não nos surpreendemos ao saber que, de mãos dadas com o animismo, há instruções de como proceder para assenhorar-se de homens, coisas e animais, isto é, de seus espíritos (FREUD, 1912-1913/2016, p. 125).

Discursos são a matéria que engendram as cores e as vozes da história da humanidade. Ao apontar a indissociabilidade entre individual e coletivo Freud nos abre as portas para pensar que as escolhas de posições subjetivas de gozo estão entrelaçadas com os ideais culturais. Quando pensamos a teoria política à luz da psicanálise, notamos uma tendência de o que há de mais estrutural do psiquismo humano se enganchar no que há de mais estrutural na cultura. Porque um parece mesmo representar o reflexo do outro. Afinal, não é possível que exista sujeito sem o Outro, sem a cultura. E vice-versa. Daí

também o mal-estar com alteridade, daquilo que é tão insuportável ao sujeito e não lhe é possível desatar, pois faz parte dele!

A colonização é um empreendimento de massificação do mundo no qual o líder incorpora os ideais da civilização europeia os quais seu séquito tenta engolir desesperadamente. Estamos todos atados à teia da linguagem e, por isso, é extremamente necessário que nos questionemos sempre sobre as matérias que a compõe. É preciso encarar a linguagem colonial, não como algo que pertence somente a um Outro desinformado e alienado, mas como algo que está entranhado em todos nós.

Será que a civilização ocidental não forjou então certos meandros discursivos que possibilitariam o escoamento pulsional para além dos regramentos sociais? Freud já nos alertava de que “a lei não consegue compreender as manifestações mais prudentes e refinadas da agressão humana” (FREUD, 1930/2021, p. 364). Afinal, “o sentimento de felicidade de uma moção pulsional selvagem não domada pelo Eu é incomparavelmente mais intenso do que a saciação de uma pulsão domada” (IBIDEM, p. 324). Além disso, “a irresistibilidade a impulsos perversos, talvez a atração daquilo que é proibido em geral, encontra aqui uma explicação econômica” (IBIDEM, p. 324).

Por fim, em que consiste, então, a linguagem colonial ou Colonialíngua? É essa entidade etérea, porém fortíssima, que é constituída tanto pelos mecanismos da Colonialidade como pelos mecanismos psíquicos que remetem ao mal-estar da relação com a alteridade e as pulsões originárias que invadem todo o psiquismo subjetivo do Eu ao inconsciente. Todos esses elementos talvez nos auxiliem na proposta de mais uma questão: Seria possível pensar em uma *Weltanschauung* (6) colonial?

A nossa aposta é que o projeto colonial promove uma linguagem muito específica que, tal como a magia está para o animismo, permite a condução e a reedição do projeto colonial. Exatamente como no conceito de Colonialidade. Podemos perceber que uma engenharia de dominação sem precedentes se presentifica aqui e, de modo semelhante à magia, gera um encantamento nos sujeitos a ela submetidos, a alienação como uma servidão pseudovoluntária.

A linguagem colonial é um núcleo duro de ideais ocidentais europeus que são impostos durante todo o projeto colonial e, concomitantemente, foram combustíveis para a elaboração da modernidade. Os efeitos e marcas profundas deixadas pelo apagamento e alterocídio herdados do processo colonial possibilitaram que esse núcleo duro fosse inculcado nos sujeitos como ideais. Através dos tempos, a linguagem colonial foi-se tornando hegemônica e, portanto, a mais acessível cosmovisão disponível para os sujeitos do mundo inteiro. A Colonialíngua é a prova fantasmagórica de que o projeto de dominação mundial europeu concretizou-se de fato e pôde enraizar-se até mesmo no pensamento científico.

A linguagem colonial é o eixo epistemológico ocidental, é o cartesianismo, o racionalismo e o princípio de emancipação da modernidade restrito à imagem do homem europeu. Mas também está contida nas entranhas do contemporâneo e dos seus ideais. Trata-se disso que fala através sujeitos, condicionando-os, inconscientemente. Desta forma, reedita-se, sem necessidade da anterior violência direta da colonização. Porém, como cada um desses autores nos auxilia nesse entendimento sobre a linguagem colonial?

Com Quijano, teremos o conceito de Colonialidade de poder que indica, algo que retorna sempre sob novas roupagens. Em outras palavras, o efeito colonial continua agindo sobre o mundo e forçando a continuação da subalternização, da exploração e do silenciamento de corpos de acordo com a etnia, raça, gênero e classe em nível mundial. Tal como Grosfoguel, o autor convoca o leitor a lançar mão da epistemologia europeia enquanto paradigma único de ciência, pois encontra-se aí também uma das amarras mais

diabólicas da Colonialidade, capaz de minar até mesmo as elaborações teóricas contra-hegemônicas. Novamente, no campo decolonial, a questão da linguagem comparece.

Seguindo na mesma esteira, Enrique Dussel introduz o conceito de *Ego Conquero*, ou Eu conquisto, que estaria contido na figura do conquistador colonial. Trata-se do encobrimento do Outro como algo que deve ser condicionado, escondido e calado para que jamais possa vir à tona, como ocorre com a *Unheimlichkeit* freudiana.

Com Dussel, podemos pensar como a dominação da colonização, num primeiro momento, e da Colonialidade, na contemporaneidade, se dá por meio de eixos profundamente amalgamados; um não funciona sem o outro. Esses eixos foram impostos pela força durante o projeto colonial e foram inculcados com tamanha profundidade nos povos dominados pelos modernos que hoje são impostos sutilmente pelo externamente renovado discurso hegemônico que, com os decoloniais, chamamos de Colonialidade. São eles: o patriarcado, a branquitude, o capitalismo e o cristianismo.

Discursos são a matéria que engendram as cores e as vozes da história da humanidade. E não é à toa! A própria história comprova as principais premissas da psicanálise. Há sempre algo que escapa às normas da cultura e flerta com a animosidade. Há sempre algo contrário ao real bem comum que rastejará para fora dos limites da Lei a partir de escamoteamentos, disfarces. Exatamente como ocorre nas pulsões enquanto forças constantes que também se disfarçam através dos mecanismos de linguagem para serem satisfeitas. Seria isso mera coincidência?

Assim, a psicanálise pode contribuir, sim, à resistência decolonial, enquanto veículo para se pensar a origem desse discurso e por que ele se repete. Sua repetição não se dá apenas por se ter a epistemologia ocidental como parâmetro único! Sua repetição se dá e se dará sempre pela pulsão de morte, que é estrutural a todos os seres humanos. A psicanálise é a única que aponta isso!

Apesar de ter uma origem europeia, ela nos permite refazer os caminhos até a origem do impulso colonial e a formação de seu discurso, o inculcamento desse nos sujeitos colonizados e a conseqüente incorporação e reprodução automáticas dos ideais trazidos por esse discurso. É com a psicanálise que podemos entender esse processo reduzindo-o, na sociedade colonial, a suas células mínimas de formação que são o psiquismo do colonizador e do colonizado. Enquanto os decoloniais fazem denúncias que tratam como uma possível indicação da origem da repetição característica da Colonialidade, a psicanálise pode mostrar a sua real origem.

Essa tendência em recriar o mundo de um jeito palatável para o sujeito, a qual Freud indica em Totem e Tabu, tanto ao falar da primitiva onipotência dos pensamentos como no seu retorno na neurose, o colonizador logra gigantescamente espelhar na realidade, sujeitando a si e ao seu projeto de mundo tudo e todos como objeto. É porque o projeto se repete? 1) a colonização gera conseqüências estruturais que reorganizaram o mundo hierarquicamente a seus moldes e 2) tanto a pulsão de dominação como a pulsão de agressividade são pulsões originárias; estarão sempre presentes e a pulsão atua como uma força constante que não para até que se satisfaça; e 3) a relação com o Outro, com a alteridade, é a fonte de maior mal-estar.

Se é algo tão gigante e tão íntimo do sujeito, como é possível resistir? Freud e os autores decoloniais apontam-nos o caminho com clareza: buscar novos paradigmas epistemológicos para que os ideais hegemônicos, frente esses novos paradigmas, possam ser questionados e equivocados. E nos implicarmos no que tange a isso.

Sobre outros autores, ninguém traz de forma tão magistral a apresentação de uma epistemologia latina, com ênfase na língua, como Lélia Gonzalez (1984) o fez. A autora nos fornece matéria-prima originária de nosso território nacional, o Brasil, para que possamos pensar com uma materialidade maior uma nova epistemologia para fazer

ciência e contar nossa história por nós mesmos. Essa é a proposta de Edward Said (2015) ao tratar do Orientalismo como uma invenção do Ocidente, é preciso que os donos da história possam contá-las por eles mesmos, por suas perspectivas. Não se trata de qualquer epistemologia, trata-se de uma epistemologia nacional que surge no seio da periferia e da favela, dos corpos explorados pelo sistema capitalista de produção e periferação, pela vulnerabilidade de gênero, dentre outras muitas outras coisas comumente abafadas pelos gritos da violência intrusiva da epistemologia hegemônica, ainda moderna, ainda europeia, ainda patriarcal, ainda branca, ainda elitista, ainda unicamente cristã.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que estão falando pretoguês (GONZALEZ, 1984, p.238).

É nesse contexto que a autora introduz o conceito do 'Pretoguês' como a voz que deveria ser privilegiada em detrimento da voz do colonizador. Se realmente quisermos tomar posse da nossa história que foi roubada pelo colonizador e por toda massa cega que o serviu e o serve - e é continuamente roubada de nós sob a égide da Colonialidade - é essa voz do Pretoguês que deveríamos ouvir e a ela nos referenciar. Em suas palavras:

(...) aquilo que chamo de 'pretoguês' e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...], é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos 'crioulos' do Caribe) (GONZALEZ, 1988, p. 70).

Da mesma forma que os ideais hegemônicos são transmitidos na cultura por meio da transindividualidade do inconsciente, a qual todo o sujeito está fadado, por que não seria possível transmitir também ideais e paradigmas alternativos?

Assim, podemos concluir que o fundador da psicanálise escutou o homem moderno para além dos ideais de sua época, ou seja, para além das limitações falaciosas do modelo do indivíduo do racionalismo.

É inegável que Freud tenha conseguido ir muito além dos limites teóricos da epistemologia moderna, e o fez calando-se para ouvir o que não era cabível nos ideais da modernidade. O que trouxe de mais revolucionário foi informar não ser necessário caber nesses ideais, ao mostrar que, enquanto seres humanos, os sujeitos são mais complexos do que as expectativas e limitações da sociedade moderna. Percebeu que os sujeitos de seu tempo adoeciam pelo excesso de repressão moralista da cultura moderna e que esses sujeitos se sacrificavam para tentar se adequar aos ideais dessa sociedade.

Freud teve a coragem de contemplar o furo que a assunção do sintoma fazia no discurso moderno. Ele percebeu que o sintoma era a resistência possível para esses sujeitos. E nos brindou com dicas para resistir aos alterocídios modernos para além do sintoma. A escuta freudiana subverte a lógica da linguagem colonial. E assim brinda os sujeitos com possibilidade de subvertê-la também. Já que somos expostos ao discurso

hegemônico ao entrarmos na cultura conduzidos pela voz do Outro que nos constitui, só nos resta seguir o conselho que ele pinça no romance de Goethe: O que herdaste de teus pais, conquista-o para que o possuas. Faze algo novo! Subverte-o!

E nós, o que fazemos com o lugar de onde falamos e nossa responsabilidade comum enquanto sujeitos atravessados pela linguagem hegemônica, isto é, pela colonialíngua? Falamos por ela ou somos um pouco mais cuidadosos ao observar qual a origem de nossas falas e como estas condicionam nossos entendimentos sobre realidade? O que todas as teorias trazidas aqui salientam é justamente a importância de se ter um olhar atento sobre o grau de agência que os sujeitos têm na reprodução do discurso hegemônico. O oprimido não está isento de responsabilidade justamente porque, se reproduz ainda que inconscientemente o discurso que o oprime, é porque se encontra identificado com o opressor. Graças às teorias políticas sabemos que a educação e o letramento político são fundamentais para que os sujeitos tenham acesso a elementos para pensar a si próprios para além dos ideais hegemônicos.

Mas, graças à psicanálise, vemos que a responsabilidade do sujeito está para além da busca do letramento político, racial e de gênero. A psicanálise nos convida a encarar o mal do qual nos queixamos diante do espelho e reconhecer que somos atravessados por ele. Se o discurso hegemônico é o primeiro que chega a nós durante nossa constituição subjetiva, precisamos entender que o colonizador, o machista, o capitalista, o racista, o antisemita não está no Outro sem letramento político. Eles estão todos em nós! E não reconhecer isso é dar espaço para que se manifestem de forma traiçoeira e silenciosa. Não enxergar que o mal está em nós é o mesmo que deixá-lo fruir através de nossa desatenção e arrogância.

A resistência começa com uma batalha interna, somos nós contra nós mesmos. A resistência começa com a coragem de encarar os significantes que mancham nosso espelho egoico. Se para tratar uma doença é preciso buscá-la e encará-la através de um diagnóstico, porque insistimos em escamotear a podridão que pulsa em nós e projetá-la apenas no outro? Ficaria isso na conta da neurose? Gostaria de encerrar parafraseando o grande mestre, aquele que se calou para escutar sujeitos postos à margem: Enquanto sujeitos letrados politicamente ou não, na posição social que nos encontramos, no corpo que temos, e seja qual for nossa ancestralidade, qual é a nossa responsabilidade no caos político do qual nos queixamos? Não podemos, por outro lado, negar a existência das estruturas de poder na cultura e o fato de que essa luta é desigual e que, para uma camada imensa da população, junta-se a ela também a luta pela sobrevivência. Entretanto, será que a linguagem colonial se solidifica a cada vez que um sujeito insiste em não reconhecer que é atravessado por ela?

Referências

- Berdino-Costa; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. (2018) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. São Paulo: Autêntica.
- Bordieu, P. (2020) *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Césaire, A. (2008). *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Editora Veneta.
- Dussel, E. (1993). *1492, O encobrimento do Outro: A origem do mito da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fanon, F. (2020) *Peles negras, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora.
- Fanon, F. (2004) *The wretched of the Earth*. New York: Grove Press.

Freud S. (2015). Introdução ao Narcisismo. In: *Obras Completas Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916)*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2016). O Eu e o Id. In: *Obras Completas Volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925)*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2016). Além do princípio do prazer: In: *Obras Completas Volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2020). Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-estar na cultura e outros escritos. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Editora Autêntica.

Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo. In: *Obras Completas Volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio da psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César Souza. – São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2015). Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: *Obras completas Volume 8: O Delírio de Gradiva, Gradiva, análise de uma fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2016). O futuro de uma ilusão. In: *Obras Completas Volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César Souza. – São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2021). *O Incômodo: Das Unheimlich (1919)*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Editora Edgard Blücher.

Freud, S. (2017). O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas Volume 18: O mal-estar na civilização, nova civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução Paulo César Souza. – São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2016). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras Completas Volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2016). Totem e Tabu. In: *Obras Completas Volume 11: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução Paulo César Souza. – São Paulo: Companhia das letras

Freud, S. (2015). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos*. Tradução Paulo César Souza São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2015). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”). In: *Obras completas - volume 10: S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Fuks, B. (2000). *Freud e a judeidade: a vocação para o exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Fuks, B. Jaques, A. A. B. (2014). A pulsão de destruição e seus destinos. In: *Clínica e estrutura*. Org. Nadiá Paulo Ferreira e Julia Cristina Tosto Leite. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Fuks, B. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta – Três ensaios: O desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.) p. 69-82, 1988.

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244

Gonzalez, L.(2021). *Por um feminismo afro latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar.

Grosfoguel, R. (2008) Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e Colonialidade global., *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 80 | 2008, posto online no dia 01 outubro2012.URL:<http://journals.openedition.org/rccs/697> DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>.

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise. Relatório do Congresso de Roma, realizado no *Istituto di Psicologia della Università di Roma* em 26 e 27 de setembro de 1953. (Originalmente publicado em 1966). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Lacan, J. (2005). *O Seminário: livro 10. A angústia*. (Originalmente publicado em 1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar.

Mbembe, (2018). *A Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições.

Mbembe, A. (2020a). *Políticas da Inimizade*. São Paulo: n-1 edições.

Mbembe, A. (2020b). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições=.

Memmi, A. (1968). *L'homme dominé: le noir - le colonisé - prolétaire - le juif - la femme - le domestique - le racisme*. Paris : Éditions Gallimard.

Memmi, A. (2007). *O retrato do colonizado*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Quijano, Aníbal. (1992). Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, pp. 437-449. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

Said, E. (2015). *O orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Scapini, M. A. (2019). *Derrida, desconstrução e democracia por vir*. Por uma crítica da violência para além do medo. Porto Alegre: Editora Zouk.

Segato, Rita. (2021). *Crítica da Colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo.

Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Notas:

(1) *(Ego-ais/ “egais”). Do original em francês, *_des ego_*: há homofonia em francês entre *_des ego_* (egos) e *_des égaux_* (iguais).

(2) Termo usado por Achille Mbembe em *Críticas da razão negra* (2020).

(3) A psicanálise, ao apresentar o inconsciente já nos brinda logo de cara com o questionamento da razão humana. Se a maior parte do psiquismo humano é inconsciente, Freud acaba por localizar a razão moderna como uma falácia.

(4) Termo trabalhado por Lia Vainer Schucman no livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*.

(5) Neologismo pensado a partir das leituras de autores da teoria decolonial à luz da psicanálise. Nota-se que a colonização foi um processo violento e profundo no qual até mesmo a fé e angústia dos sujeitos colonizados foi domesticada, apagada, colonizada. O colonizador foi capaz de domesticar e silenciar a dor dos sujeitos colonizados. Frente a isso optamos por usar a palavra “coloniza-dor” para remeter à profundidade dos efeitos de apagamento e dominação do Outro.

(6) Do alemão ‘visões de mundo’.

Citação/Citation: Faria, A. P. G. (2022) A matéria da dominação da alteridade: da Colonialidade à “colonialíngua”. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 118-134.

Recebido: dezembro de 2021

Aprovado: janeiro de 2022